

Museu de ARQUITETURA BRASILEIRA: UM DIÁLOGO PROJETUAL COM O MODERNO

Zeuler R. M. A. Lima

Durante as comemorações do aniversário da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo realizou-se uma exposição internacional apresentada como um convite ao diálogo. Na mostra, estiveram presentes os trabalhos de projeto realizados por um grupo de 13 alunos de pós-graduação, sob orientação do arquiteto e professor doutor Zeuler R. M. A. Lima da Graduate School of Architecture and Urban Design da Washington University em Saint Louis, nos Estados Unidos. Esse diálogo, desenvolvido em colaboração com a FAUUSP no segundo semestre de 2005, ocorreu em apoio à criação de um arquivo e galeria – ou um museu, segundo um modelo pedagógico e científico – de arquitetura brasileira. Seu intuito é abrigar e divulgar a inestimável coleção de documentos das bibliotecas da faculdade, que há um bom tempo pleiteiam melhores condições de armazenamento, processamento e divulgação desse inestimável acervo.

O tema de um anexo de tal importância ao edifício do Vilanova Artigas amadureceu como possibilidade de exercício pedagógico a partir de muitos anos de contato do professor Zeuler R. M. A. Lima com a FAUUSP, onde se formou há 20 anos e acompanhou a idéia e a vontade pioneira da diretora das bibliotecas da faculdade, Eliana A. Marques. O tapete de ovos se oferecia ao caminho de forma irrecusável: as especificidades espaciais e técnicas do programa; a proximidade à monumentalidade circumspecta da FAUUSP; um terreno triangular, apertado entre as empenas quase cegas da faculdade e do Laboratório de Modelos e Ensaios (LAME); a necessidade de comunicação para os ocupantes dos edifícios; e a aderência ou não de linguagens arquitetônicas de diferentes origens e gerações. Um desafio de tecedura difícil, mas de grande potencial de sensibilização para questões de formação profissional e disciplinar. Abria-se uma possibilidade única de expor alunos de arquitetura às questões sobre preservação e acréscimos, alteridade, representação e experiência espaciais, paisagem e modernismo brasileiro.

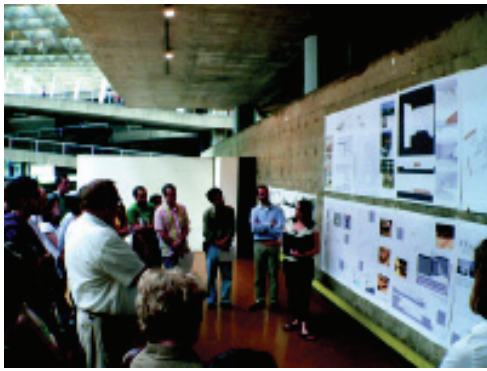
Essa proposta de um diálogo sobre um patrimônio arquitetônico específico pelo projeto abraçou uma série de objetivos e desafios didáticos e culturais. Um elemento central da proposta foi o fato que esse projeto foi desenvolvido por um grupo internacional de estudantes. Eles vêm dos Estados Unidos, da China, de Taiwan, de Honduras e da Coreia e estudam em uma escola norte-americana, com pouquíssimo ou nenhum conhecimento prévio sobre o Brasil ou sobre a arquitetura brasileira. Em um momento em que o mundo se comprime, os repertórios socioculturais – assim como os dilemas para reconhecer sua multiplicidade – ampliam-se com desdobramentos importantes para a arquitetura, mas ainda pouco explorados pedagogicamente. Dessa forma, o exercício didático pretendeu ampliar esses repertórios mutuamente de maneira particular: por um lado, expondo os alunos – o olhar estrangeiro, que no Brasil tem gosto doce-amargo – à realidade brasileira; por outro lado, expondo-os, ainda que de forma limitada, a essa realidade e ao olhar

daqueles que vivem dentro dela. O diálogo – assim como seus ruídos – iniciou-se a distância, intensificou-se com a visita da equipe ao Brasil no meio do processo e, esperamos, continua com a exposição.

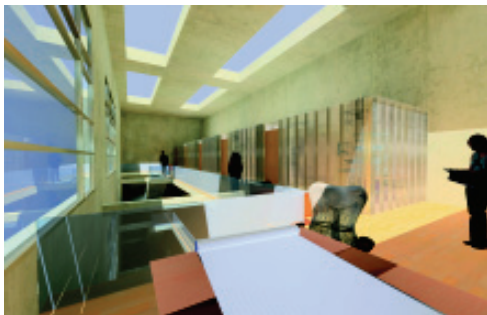
O projeto foi realizado em quatro meses, entre setembro e dezembro de 2005, período correspondente a um semestre letivo de ateliê em nível avançado. Esse tipo de ateliê tem como objetivo principal o esforço de síntese projetual, indo da conceitualização e implantação a detalhes construtivos. Colocar os alunos em situação foi a primeira etapa do trabalho. O trabalho se iniciou com uma pesquisa colaborativa sobre arquitetura brasileira na segunda metade do século 20. Daí resultou uma pequena exposição e discussão que foi realizada na escola, nos Estados Unidos. Essa etapa incluiu, em seguida, o estudo e a análise de precedentes arquitetônicos de museus, arquivos e galerias de arquitetura, assim como visitas técnicas a arquivos históricos, de bibliotecas e de museus em Saint Louis. A segunda etapa foi dedicada à conceitualização e à realização de um estudo preliminar de implantação e projeto em preparação para uma visita de uma semana a São Paulo, a qual ocorreu no mês de outubro. Durante a visita, os alunos foram expostos ao cotidiano da cidade do centro histórico à periferia, visitaram muitos dos principais edifícios emblemáticos da arquitetura paulistana do século 20, escritórios de arquitetura, além de ter analisado e documentado exaustivamente a situação específica de projeto, que incluiu muitas conversas com o pessoal técnico da biblioteca e dos arquivos.

O objetivo principal da viagem da equipe ao Brasil – aliás, autofinanciada pelos próprios alunos – foi realizar uma apresentação pública dos projetos à comunidade da FAUUSP, na forma de exposição e de discussões individuais e coletivas, a fim de coletar críticas e sugestões para a continuidade do projeto. Vários alunos da FAU participaram da discussão com os alunos da escola norte-americana e também do debate, o qual contou com a presença inestimável da diretora da biblioteca Eliana A. Marques e dos arquitetos e professores Ângelo Bucci, Antônio Carlos Barossi, Hugo Segawa, José Américo de Brito Cruz, Marcelo C. Ferraz e Vera Pallamin. A partir da visita, as propostas preliminares foram revistas, aprofundadas durante os meses de novembro e dezembro, resultando nas propostas expostas na escola, nos Estados Unidos, e que agora chegam ao Brasil.

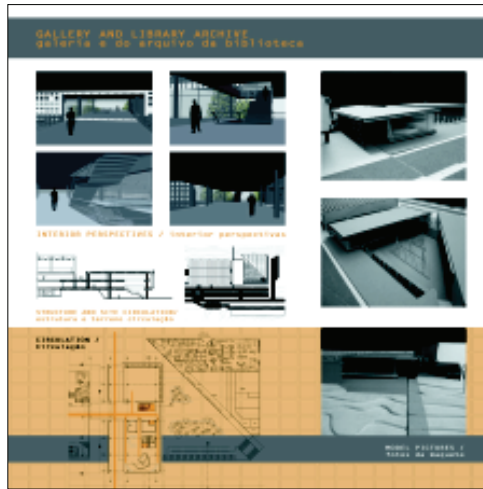
A externalidade emocional dos projetistas às virtudes e aos vícios da situação apresentada foi a faca de dois gumes do desafio pedagógico. Ao mesmo tempo em que seu distanciamento cultural oferecia a possibilidade de novas deduções, ele também trazia o risco de resultar em conclusões apressadas e equivocadas, quando não auto-referentes. Considerando a melhor das hipóteses, o exercício arriscou por passar a faca no fio, tendo em conta suas ambigüidades. E a exposição não procurou dissimulá-las. O confronto com o legado da linguagem e dos conceitos apresentados pela proximidade ao edifício projetado por Vilanova Artigas era inevitável. Conceitual e espacialmente, o desafio vem de sua condição dominante. O confronto com o edifício do Laboratório de Modelos e Ensaios (LAME) de Giancarlo Gasperini, o qual representa uma outra postura e sem o mesmo nível de êxito projetual de seu parceiro ancestral, emergiu como um desafio transformador. De formas diversas, as propostas se aprofundaram nessas premissas. No entanto, esse aprofundamento não foi simples e encontrou entraves. Por exemplo, como reconhecer a importância histórica da escola e da relação problemática entre um



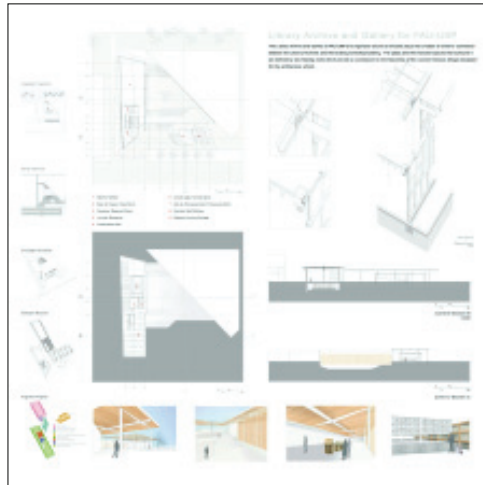
Apresentação e debate das propostas preliminares apresentadas pelos estudantes de mestrado da Washington University na FAUUSP em outubro de 2005
Crédito: Autor



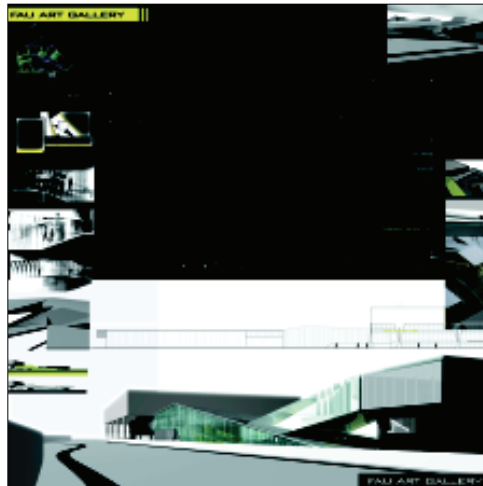
Perspectivas do estudo apresentado pelo mestrando Christopher Qualls
Crédito: Christopher Qualls



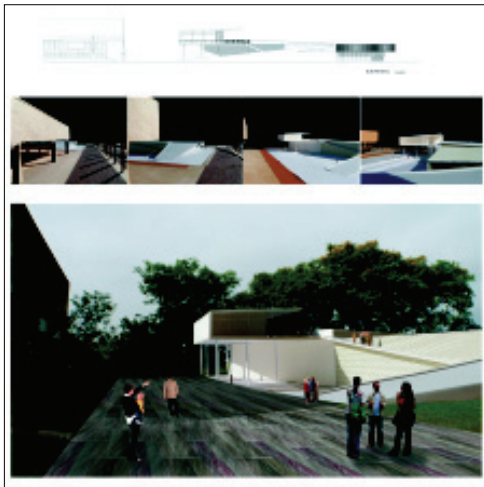
Estudo apresentado pela mestranda Leslie Roberts
Crédito: Leslie Roberts



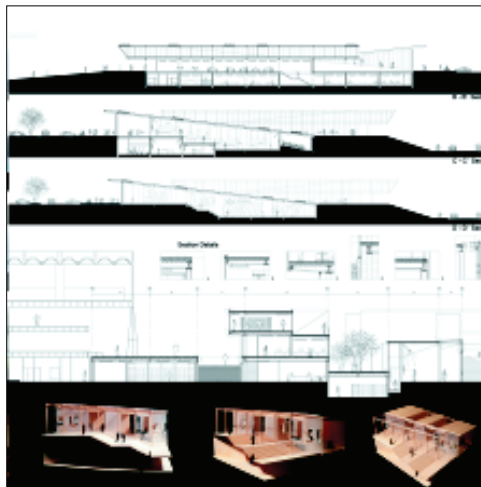
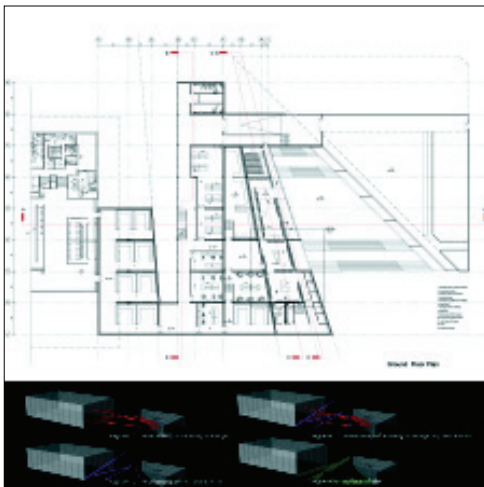
Estudo apresentado pela mestranda Rachel Doniger
Crédito: Rachel Doniger



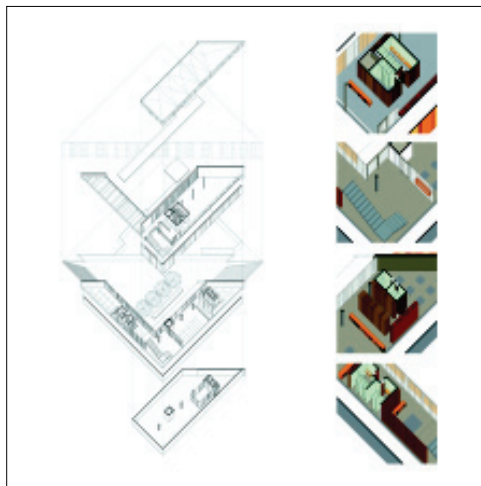
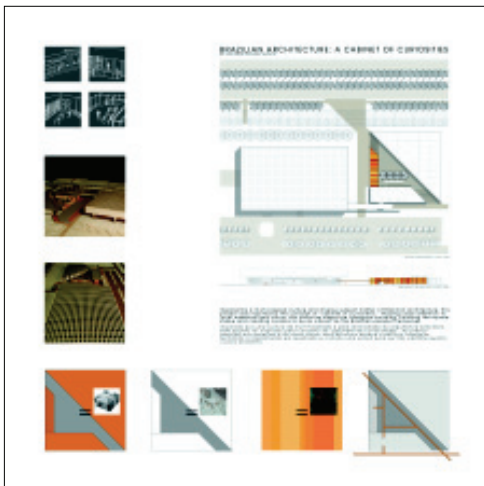
Estudo apresentado pela mestranda Rubi Xu
Crédito: Rubi Xu



Estudos apresentados pelo mestrando Vincent-Jean Chin
Créditos: Vincent-Jean Chin



Estudos apresentados pela mestranda Jin Kyung Kim
Créditos: Jin Kyung Kim



Estudos apresentados pelo mestrando Matthew Dudzik
Créditos: Matthew Dudzik

programa mutável e um edifício que ganhou caráter canônico, pouco flexível e quase sacralizado; como incorporar e valorizar o edifício do LAME, que se aproxima programaticamente do edifício proposto? O impasse histórico se colocou de frente desde os primeiros passes do projeto. O que, culturalmente, era externo ao contexto dos alunos tornou-se central para o desenvolvimento do projeto: por um lado, reverência à monumentalidade, à memória do edifício da FAU e das idéias de Artigas e dos modernismos brasileiros; por outro lado, estranhamento para com o titubear da arquitetura brasileira desde os anos 70 e 80.

Foi-se o período de autoconfiança e de grandes realizações do moderno, particularmente da linguagem e do contexto político e cultural que marcou muito da produção arquitetônica brasileira durante boa parte do século 20. Essa produção nas décadas mais recentes desestabilizou-se, o ensino de projeto se transformou pelas mudanças da realidade vivida e pela insuficiência e esaurimento de conceitos precedentes. Não cabe aqui descrever os projetos, os quais agora fazem parte do acervo da biblioteca da FAUUSP, tampouco apresentar uma síntese das propostas, pois não há unicidade. Encaramos o confronto entre as situações contemporânea e histórica como partes do caráter experimental do exercício didático, mas também revelador das transformações de ordem mais geral que, continuamente, colocam em xeque a linguagem da arquitetura no Brasil e internacionalmente.

Entender, incorporar, rejeitar, reverenciar, resistir, expandir, negar o outro e a si próprio foram atitudes constantes no exercício pedagógico. Todos os participantes da equipe, de uma forma ou outra, pisaram ovos durante o projeto, mas também se alimentaram deles, por assim dizer. O objetivo do processo não se limitou ao enfrentamento do projeto como uma solução de problemas espaciais apenas, ainda que o aprofundamento das propostas tenha procurado materializar as idéias para além de esquemas abstratos e gestos espaciais. Foi objetivo também explorar e expandir o sentido de outras realidades. Ao visitar a FAUUSP, os alunos estrangeiros se comoveram e impressionaram-se com possibilidades até então alheias à sua vivência. Ao experienciar a realidade brasileira e paulistana, mesmo de forma limitada, eles também se impressionaram. Alguns se comoveram. O projeto desenvolvido pela equipe oscila entre esses mundos e o repertório próprio de cada aluno, arquiteto em formação.

O desafio para o arquiteto nesse exercício específico, de certa forma duplamente antropofágico – se levarmos em conta nossa vitalícia preocupação com esse tema identitário – foi conciliar diferenças e paradoxos na arquitetura como um *medium* de memória ativa. A exposição se abriu para que os desafios contidos nela continuem abertos. O convite continua aberto a fim de que a idéia de um museu, arquivo e galeria de arquitetura cultive e reflita criticamente sobre a inevitável e inestimável herança de nossos modernos mais próximos. Se morremos ou não como modernos não coube à mostra necessariamente responder. No entanto, nós continuamos vivos. E isso é que é, ao mesmo tempo, incômodo e estimulante.

Zeuler R. M. A. Lima

Arquiteto, mestre e doutor pela FAUUSP. Professor de Projeto, Teoria e História na Escola de Arquitetura da Washington University in Saint Louis, nos Estados Unidos. Foi professor da USP em São Carlos e da University of Michigan e Columbia University. e-mail: zlima@architecture.wustl.edu